Instituto Superior de Psicologia Aplicada

ARQUÉTIPOS DO INCONSCIENTE COLECTIVO EM "A SIBILA"

UM ENCONTRO ENTRE CARL JUNG E AGUSTINA BESSA-LUÍS

Nome do Autor

Eva Santos

N.º de Aluno

8575

Artigo submetido como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

NOME: Eva Filipa Pires dos Santos Nº ALUNO: 8575

CURSO: Mestrado Integrado em Psicologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Psicologia Clínica

ANO LECTIVO: 2008 / 2009

ORIENTADOR: Prof.ª Dra.ª Antónia Carreira

DATA: 2009

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: *Arquétipos do Inconsciente Colectivo em "A Sibila"* - Um encontro entre Carl Jung e Agustina Bessa-Luís

---

O presente trabalho tem como principal objectivo a ilustração de alguns dos princípios da psicologia analítica preconizada por Carl Jung, nomeadamente o inconsciente colectivo, através de uma leitura de *A Sibila*, de Agustina Bessa-Luís. A primeira parte será dedicada à exposição de uma síntese do sistema psíquico jungiano, das suas instâncias e modos de funcionamento, desde o ego, como elemento central do funcionamento psicológico, passando pela consciência e as suas funções, até aos níveis mais profundos do inconsciente, e ao papel e à importância do inconsciente colectivo; na segunda parte debruçar-nos-emos sobre a contextualização d'*A Sibila*; na terceira parte será levada a cabo a leitura propriamente dita da obra, procurando os elementos que constituem o inconsciente colectivo; na última parte será abordado o impulso criativo como processo de elaboração psicológica e serão apresentadas as considerações finais.

Palavras-chave: Inconsciente Colectivo, Literatura, Psicologia

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO EM INGLÊS: *Archetypes of the Collective Unconscious in "A Sibila"* - A meeting between Carl Jung and Agustina Bessa-Luís

---

This work is primarily aimed at illustrating some of the principles of the analytical psychology advocated by Carl Jung, namely the collective unconscious, through a reading of *A Sibila*, by Agustina Bessa-Luís. The first part will be devoted to presenting a synthesis of the Jungian psychic system, its instances and modes of operation, from the ego as a central element of psychological functioning, through consciousness and its functions, to the deepest levels of the unconscious, and the role and importance of the collective unconscious; the second part will concentrate on the contextualization of the book; on the third part will be carried out the reading work itself, regarding the elements that constitute the collective unconscious; the last part will address the creative impulse as a process of psychological elaboration and the final considerations will be presented.

Key-words: Collective Unconscious, Literature, Psychology

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

ARQUÉTIPOS DO INCONSCIENTE COLECTIVO EM "A SIBILA"
UM ENCONTRO ENTRE CARL JUNG E AGUSTINA BESSA-LUÍS

Eva Santos

Dissertação orientada por Prof.ª Dr.ª Antónia Carreiras

Artigo submetido como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof.ª Dr.ª Antónia Carreiras, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, n.º 19673 / 2006, publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006

Aos meus pais, pelo apoio sempre incondicional.

Ao Luís, pela compreensão insuperável.

À Prof.ª Dr.ª Antónia Carreiras, cuja orientação e disponibilidade tornaram este trabalho possível.

O meu sincero Obrigado!

NOME: Eva Filipa Pires dos Santos Nº ALUNO: 8575

CURSO: Mestrado Integrado em Psicologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Psicologia Clínica

ANO LECTIVO: 2008 / 2009

ORIENTADOR: Prof.ª Dra.ª Antónia Carreira

DATA: 2009

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: *Arquétipos do Inconsciente Colectivo em "A Sibila"* - Um encontro entre Carl Jung e Agustina Bessa-Luís

---

O presente trabalho tem como principal objectivo a ilustração de alguns dos princípios da psicologia analítica preconizada por Carl Jung, nomeadamente o inconsciente colectivo, através de uma leitura de *A Sibila*, de Agustina Bessa-Luís. A primeira parte será dedicada à exposição de uma síntese do sistema psíquico jungiano, das suas instâncias e modos de funcionamento, desde o ego, como elemento central do funcionamento psicológico, passando pela consciência e as suas funções, até aos níveis mais profundos do inconsciente, e ao papel e à importância do inconsciente colectivo; na segunda parte debruçar-nos-emos sobre a contextualização d'*A Sibila*; na terceira parte será levada a cabo a leitura propriamente dita da obra, procurando os elementos que constituem o inconsciente colectivo; na última parte será abordado o impulso criativo como processo de elaboração psicológica e serão apresentadas as considerações finais.

Palavras-chave: Inconsciente Colectivo, Literatura, Psicologia

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO EM INGLÊS: *Archetypes of the Collective Unconscious in "A Sibila"* - A meeting between Carl Jung and Agustina Bessa-Luís

---

This work is primarily aimed at illustrating some of the principles of the analytical psychology advocated by Carl Jung, namely the collective unconscious, through a reading of *A Sibila*, by Agustina Bessa-Luís. The first part will be devoted to presenting a synthesis of the Jungian psychic system, its instances and modes of operation, from the ego as a central element of psychological functioning, through consciousness and its functions, to the deepest levels of the unconscious, and the role and importance of the collective unconscious; the second part will concentrate on the contextualization of the book; on the third part will be carried out the reading work itself, regarding the elements that constitute the collective unconscious; the last part will address the creative impulse as a process of psychological elaboration and the final considerations will be presented.

Key-words: Collective Unconscious, Literature, Psychology

INDÍCE

ARQUÉTIPOS DO INCONSCIENTE COLECTIVO EM “A SIBILA” 1

Introdução 1

O Sistema Psíquico Jungiano 3

O Ego *3*

A Consciência *4*

As funções ectopsíquicas da consciência *5*

As funções endopsíquicas da consciência *5*

O Inconsciente *6*

O inconsciente pessoal. *7*

O inconsciente colectivo. *7*

A Sibila 9

Observação *9*

Os Arquétipos e a *A Sibila* 13

Considerações Finais 17

REFERÊNCIAS BIBLIOGÁFICAS 20

ARQUÉTIPOS DO INCONSCIENTE COLECTIVO EM “A SIBILA”

Um encontro entre Carl Jung e Agustina Bessa-Luís

Introdução

São diversas as abordagens que o estudo da relação entre Literatura e Psicologia pode tomar, mas quase todas têm em comum a convergência numa de três linhas orientadoras: no autor como ser psicológico e na obra como produto da sua vida psíquica, nas dinâmicas intra-psicológicas de uma obra, e na dialéctica entre autor e leitor e na obra como veículo dessa relação. No presente trabalho é sobre esta última que nos debruçaremos, nomeadamente sobre o papel da obra literária como mediador de símbolos e significados entre o escritor e o leitor.

Segundo Despinoy (1997) a literatura, como produto do humano, constitui um instrumento vasto e profícuo para a sua compreensão e, à luz das concepções psicanalíticas, este procurar de sentido deve ter em conta a totalidade da estrutura psíquica e as dinâmicas instauradas entre processos conscientes e inconscientes. No processo de criação artística o movimento dominante é o de dentro para fora, de elaboração dos conteúdos do inconsciente individual, do recalcado, da pulsão, do conflito intra-psíquico, para o exterior consonante com o consciente e em comunicação com o outro (Jauregui, 2002). A intersubjectividade indispensável à comunhão entre o escritor e os seus leitores pressupõe a existência de elementos comuns que constituam um referencial inteligível a ambos. A literatura permite-nos, com frequência, testemunhar momentos em que, apesar da distância temporal, social ou cultural que separa o binómio autor – leitor, essa coesão intersubjectiva continua a existir.

É assim que chegamos a um dos principais contributos de Carl Jung para a psicologia analítica – o conceito de *Inconsciente Colectivo*. O nível colectivo do inconsciente humano é, segundo Jung, a instância mais profunda da estrutura psíquica, constituída por elementos cuja origem transcende a vivência do indivíduo. O inconsciente colectivo jungiano é transversal à humanidade e os seus conteúdos constituem os paradigmas conceptuais da imaginação e compreensão humanas, a que Jung denominou de *arquétipos* (1967). Se

existir uma instância psíquica comum a todos os seres humanos, então é nela que deve residir a fonte da intersubjectividade que permite o encontro entre escritor e leitores, ou seja, será num domínio colectivo do inconsciente que poderemos encontrar as raízes da compreensão humana que aproximam a subjectividade individual numa plataforma de entendimento inter-individual.

Esta é a premissa de que partimos para este trabalho. À semelhança do estudo de Teresinha Silva (2004), que analisa *A Cartomante,* de Machado de Assis, de acordo com os princípios da psicologia analítica jungiana, no presente artigo a obra do autor, nomeadamente a sua teoria sobre o inconsciente colectivo, servirá de pano de fundo a uma leitura de *A Sibila*, de Agustina Bessa-Luís. Trata-se de uma temática pouco abordada no âmbito da relação entre Literatura e Psicologia, pelo que as principais referências foram as fornecidas pelo próprio Carl Jung.

A escolha desta obra obedeceu a dois critérios: ser uma obra de referência e ter sido originalmente escrita em Português. Ao procurarmos num dado elemento do panorama literário conteúdos que ofereçam uma coesão de sentido e de subjectividade transversal ao humano, então esse elemento deve ser conhecido e alvo de discussão pelo maior número possível de indivíduos. A escolha de uma obra originalmente escrita em Português tem como objectivo o estreitamento dos laços entre o escritor e o leitor e a facilitação da compreensão do escrito pelo autor do estudo. Procurou-se assim eliminar a interferência de terceiros, como poderia ser a acção de um tradutor, e garantir a compreensão da língua e linguagem usadas, potenciando ao máximo a aproximação entre aquele que escreve e aquele que lê.

Começaremos por apresentar uma síntese do sistema psíquico jungiano, das suas instâncias e modos de funcionamento, desde o ego, como elemento central do funcionamento psicológico, passando pela consciência e as suas funções, até aos níveis mais profundos do inconsciente, procuraremos fundamentar o papel e a importância daquele que será o conceito chave deste trabalho: o inconsciente colectivo. Em seguida iremos proceder à contextualização d'*A Sibila* (descrição e foco narrativo). Finalmente será levada a cabo uma leitura da obra, procurando os elementos que constituem o inconsciente colectivo.

O Sistema Psíquico Jungiano

Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço, foi um dos precursores da psicologia moderna. Contemporâneo de Sigmund Freud, integraram ambos a Sociedade Internacional de Psicanálise em 1911, mas a proximidade intelectual entre estes dois autores acaba por sucumbir à evolução do pensamento jungiano, que à teoria sexual das neuroses contrapõe a importância da criatividade e espiritualidade humanas, e cujo processo de cura se apoia na interpretação da vida simbólica. Assim nasce a Psicologia Analítica, em oposição à Psicanálise freudiana (Roudinesco & Plon, 2000).

O conceito de *inconsciente colectivo* é um dos contributos originais de Jung para as ciências psicológicas e constitui uma das três instâncias do sistema psíquico preconizado pelo autor, a par da consciência e do inconsciente pessoal. Na psique humana descrita por Jung estas instâncias tomam a forma de uma estrutura de camadas: a primeira, mais superficial, é a consciência; a segunda, intermédia, é o inconsciente pessoal; a terceira, mais profunda, é o inconsciente colectivo. A relação entre o mundo externo e as instâncias do mundo interno é mediada pelo Ego, a referência individual por excelência (Jung, 1983).

Para Jung o trabalho psíquico tem como grande objectivo a individualização. Este é o processo de maturação da personalidade, o processo de síntese do Self, que consiste essencialmente da união do inconsciente com o consciente, dando expressão e harmonizando os vários componentes da psique. É um processo interminável de diferenciação e integração, uma função de análise da capacidade de distinguir, desenvolver, e contrastar os componentes individuais da psique (Jung, 1984).

O Ego

No sistema psíquico jungiano o ego “é sempre o centro de nossas atenções e de nossos desejos, sendo o cerne indispensável da consciência” (Jung, 1983, p. 7). Definido pelo autor como “um dado complexo formado primeiramente por uma percepção geral do nosso corpo e existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória” (Ibid., p. 17), o ego é a referência psíquica por excelência.

"Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil; pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados" e pode definir-se como um "conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afectivo, parcialmente ou totalmente inconscientes" (Laplanche & Pontalis, 1985, p. 107). É na relação com este "complexo de fatos psíquicos" (Jung, 1983, p. 7) que distinguimos, ou não, as percepções externas, que as processamos e avaliamos, e que antecipamos diferentes possibilidades e para Jung é o ego que estabelece a ligação relacional e subjectiva às recordações, aos afectos e aos conteúdos inconscientes.

No sistema psíquico jungiano o ego é o componente aglutinante da psique e o seu fio condutor, é o centro da personalidade consciente e a sua identidade, funcionando como o mediador de toda a psique. O ego imprime aos fenómenos do mundo exterior o sentido necessário à sua apreensão consciente, e é o elemento primordial de contacto com o inconsciente.

A Consciência

Definida pelo autor como "sobretudo o produto da percepção e orientação no mundo externo" (Jung, 1983, p. 5) é ao nível da consciência que comunicamos com o ambiente à nossa volta, e o inconsciente "cuja natureza é completamente desconhecida, sempre se exprime através de elementos conscientes e em termos de consciência, sendo esse o único elemento fornecedor de dados para a nossa acção" (Ibid., p. 3). Sobre a relação entre estes dois níveis da psique Jung afirma: "coloco o inconsciente como um elemento inicial, do qual brotaria a condição consciente. As funções mais importantes de qualquer natureza instintiva são inconscientes, sendo a consciência quase que um produto dessas grandes áreas obscuras." (Ibid., p. 6)

No seu papel de veículo entre o inconsciente e o mundo exterior a consciência organiza-se em dois níveis: a *ectopsique* e a *endopsique*. A ectopsique é entendida pelo autor como "um sistema de relacionamento dos conteúdos da consciência com os fatos e dados originários do meio-ambiente, um sistema de orientação que concerne à minha manipulação dos fatos exteriores, com os quais entro em contacto através das funções sensoriais" (Ibid., p. 8). A endopsique, como "o sistema de relação entre os conteúdos da consciência e os processos desenrolados no inconsciente" (Id., Ibid.), completa este círculo.

As funções ectopsíquicas da consciência

Jung considera a existência de quatro funções ditas ectopsíquicas, isto é, mediadoras da relação da consciência com o mundo externo: a sensação, o pensamento, o sentimento e a intuição.

A sensação é a "função dos sentidos" (Id., Ibid.,), que orienta a consciência no processamento dos dados apreendidos sensorialmente. A sensação "diz que alguma coisa *é*; não exprime *o que é*, nem qualquer outra particularidade da coisa em questão" (Id., Ibid.), sendo essa a função do pensamento.

O pensamento, a cada elemento tornado conhecido pela sensação, "dá nome a essa coisa e junta-lhe um conceito, pois pensar é perceber e julgar" (Id., Ibid.). Assim, é a acção do pensamento que atribui sentido às percepções possibilitando a actuação sobre elas da função do sentimento.

Sobre esta função Carl Jung diz-nos:

> "O sentimento nos informa, através de percepções que lhe são inerentes, acerca do *valor* das coisas. É ele que nos diz, por exemplo, se uma coisa é aceitável, se ela nos agrada ou não. Deve-se ainda a tal faculdade o fato de podermos ou não reconhecer certa coisa sem uma determinada reacção sentimental." (Ibid., pp. 8-9)

Assim, podemos dizer que, para o autor, é esta função do sentimento que inscreve na nossa matriz individual de valores tudo aquilo sobre o que pensamos.

A quarta função ectopsíquica é a intuição. É a mais próxima do inconsciente, e consequentemente a mais afastada dos sentidos. Jung define-a como " a função pela qual se antevê o que se passa pelas esquinas, coisa que habitualmente não é possível " (Ibid., p. 8). Representa a capacidade de, perante uma situação, anteciparmos o seu desfecho ou prevermos um determinado curso de acontecimentos. Apoia-se na aprendizagem, na experiência e num sem-número de elementos subliminares que iludem a consciência e cujo processamento é essencialmente inconsciente.

As funções endopsíquicas da consciência

Ao nível endopsíquico, isto é, na relação da consciência com o inconsciente Jung distingue também quatro funções: a memória, os componentes subjectivos das funções conscientes, os afectos e as invasões.

A memória é “a faculdade de reproduzir conteúdos inconscientes” (Ibid., p. 18). É através desta função que acedemos a elementos que já ultrapassaram a esfera consciente, que recuperamos materiais reprimidos ou tratados subliminarmente. É a função mais susceptível à acção da vontade pois sua evocação é, até certo ponto, voluntária.

Sobre a segunda função endopsíquica Jung diz que “toda a aplicação de uma função consciente, trate ela de qualquer objecto, é sempre acompanhada de reacções subjectivas” (Id., Ibid.). São estas reacções, particulares a cada indivíduo, que constituem os componentes subjectivos das funções.

O penúltimo nível endopsíquico é o dos afectos. Aqui já não tratamos propriamente de funções mas de emoções como “a condição em que o lado oculto do homem o domina, e ele não pode impedir que isso aconteça” (Ibid., p. 19). Quando os afectos se manifestam a consciência não é anulada mas são estes, e não a vontade, que passam a orientar a acção.

O nível endopsíquico mais profundo é o daquilo a que Jung chamou de invasões. A estas corresponde “uma condição extraordinária, em que o indivíduo é tomado pelo inconsciente, podendo-se então esperar dele a coisas mais inabituais”. Este fenómeno anula o domínio consciente e a vontade e, apesar de estar associado a distúrbios neuróticos, Jung acrescenta que não se trata de um sintoma patológico mas sim de algo que “pertence à fenomenologia humana mais comum”. (Ibid., p. 20)

O Inconsciente

Para Carl Jung “a consciência é como uma superfície ou película cobrindo a vasta área inconsciente, cuja extensão é desconhecida” (Ibid., p. 4) e é esta característica de intangibilidade que melhor define as instâncias mais profundas da psique. Segundo o autor “quando dizemos *inconsciente* o que queremos sugerir é uma ideia a respeito de alguma coisa, mas o que conseguimos é apenas exprimir a nossa ignorância a respeito de sua natureza” (Id., Ibid.).

A consciência, ou estado consciente, caracteriza-se pela sua frequência intermitente e por uma capacidade limitada de realização, suprimida pelo labor incessante do

inconsciente, pois “a área do inconsciente é imensa e sempre contínua, enquanto a área da consciência é um campo restrito de visão momentânea” (Ibid., p. 5).

Os conteúdos do inconsciente não estão acessíveis por nenhuma acção directa da vontade mas apenas pelas manifestações do próprio inconsciente através das funções endopsíquicas, que funcionam como “o veículo através do qual os conteúdos inconscientes atingem a superfície da consciência” (Ibid., p. 33).

O inconsciente é o cerne da vida e da actividade psíquicas e nele estão contidos os elementos essenciais para a definição do humano, que pela sua origem e características se dividem em dois níveis: *pessoal* e *colectivo*.

O inconsciente pessoal.

O primeiro nível inconsciente, e também o mais próximo da consciência, é o *subconsciente* ou *inconsciente pessoal*. Constituem o âmbito pessoal do inconsciente “tudo aquilo que se perdeu de reminiscências do passado, assim como tudo aquilo que, por se tratar de instintos infantis, não pode ser aproveitado na vida de adulto” (Jung, 1967, p. 47). Este é também o repositório dos materiais reprimidos, das percepções tratadas subliminarmente e dos “conteúdos que ainda não estão amadurecidos para o consciente” (Ibid., pp. 116-7).

Esta é uma “camada inteiramente composta de elementos pessoais e componentes da inteireza da personalidade humana” (Jung, 1983, p. 33). Todos os conteúdos deste nível pessoal do inconsciente são particulares e decorrem da existência individual, isto é, quer tenham passado ou não pela consciência foram inscritos nesta instância psíquica por uma vivência íntima, e é esta a condição que melhor distingue o inconsciente pessoal do segundo nível do inconsciente jungiano: o *inconsciente colectivo*.

O inconsciente colectivo.

O nível mais profundo do sistema psíquico jungiano é a camada do inconsciente constituída por dados que transcendem a individualidade, ou seja, cuja origem não está nas aquisições individuais e cujos conteúdos são transversais à humanidade. Segundo o autor, “dentro de cada um de nós existem, para além das reminiscências pessoais, as grandes imagens primitivas”, ou seja, “as possibilidades herdadas da imaginação humana, tal como sempre existiu” (1967, p. 115). Jung define estas imagens primordiais como “as formas de

imaginação mais antigas e mais frequentes da humanidade" (Ibid., p. 117), e uma demonstração clara da sua existência está na repetição de figuras e temas no imaginário, nas lendas e até mesmo nas religiões de diferentes culturas, ao longo da história da humanidade.

Os conteúdos que constituem o inconsciente colectivo têm origem no "tempo pré-infantil" (Ibid., p. 133) e foram cinzelados na psique humana geração após geração pela repetição sucessiva de experiências às quais, pelo seu impacto e prevalência, se associou uma energia precursora de "um efeito fascinante, cativante, sobre a consciência" (Ibid., p. 123). São elementos conceptuais que representam paradigmas dominantes ou *arquétipos*, e à instância psíquica onde se inscrevem o autor denominou *inconsciente impessoal*, *sobrepessoal* ou *colectivo*.

Jung define *arquétipo* como:

> "uma espécie de disposição apta para reproduzir sempre de novo as mesmas ou semelhantes imagens míticas. É como se aquilo que se fixa do inconsciente fosse exclusivamente a imagem subjectiva da fantasia provocada pelo processo físico. Pode, por isso, supor-se que os arquétipos sejam as fixações muitas vezes repetidas de reacções subjectivas" (Ibid., pp. 121-2).

Para Jung o conceito de arquétipo surge da observação nos sonhos e fantasias dos seus pacientes de ideias e imagens cuja origem não se encontra na história pessoal do indivíduo que os produz. A semelhança destes conteúdos com temas, contos, mitos e motivos religiosos levou-o a formular a teoria de que se tratariam de prototipagens, imagens primordiais comuns a todos os homens, elaboradas ao longo da evolução da espécie e cultura humanas (Ibid.).

O inconsciente colectivo constitui-se como uma instância partilhada por todos os seres humanos na qual se alojam conteúdos que não têm base na experiência e que não afloram directamente à consciência. Estes conteúdos são arquétipos ou representações universais, cuja origem se estende por toda a vida e experiencia humanas, constituindo assim um substrato psíquico comum de natureza sobrepessoal.

Os arquétipos representam a possibilidade de um certo tipo de percepção e de acção, expressando-se como predisposições para a produção repetida de determinadas ideias e temas, e funcionando como complexos sociais geradores de mitos, religiões e filosofias que influenciam e caracterizam a humanidade indiferentemente do contexto

temporal e cultural. Não estão acessíveis à mente sob o controlo consciente nem sujeitos à invocação da vontade. A sua manifestação acontece através de imagens arquetípicas, formas ou representações tomadas pelos arquétipos nos sonhos, produtos culturais, representações míticas e religiosas etc. Assim, no inconsciente colectivo existe um número limitado de arquétipos, mas as suas manifestações podem assumir uma variedade infinita de imagens arquetípicas (Ibid.).

Carl Jung, ao longo da sua obra, debruçou-se sobre vários destes elementos, mas aqui falaremos apenas daqueles que têm maior relevância para este estudo pois, de alguma forma, foram identificados na leitura de *A Sibila*.

A Sibila

Agustina Bessa-Luís nasceu em 1922 no concelho de Amarante, na região do Douro, filha de mãe de origem espanhola e de pai com raízes familiares rurais na zona de entre o Douro e Minho. Cresceu nessa zona do país, que se tornou palco e motivo de várias das suas obras, e estudou no Porto, onde se fixou.

Desde a publicação da sua primeira obra, a novela *Mundo Fechado*, em 1948, que se tem revelado uma das mais prolíficas autoras da literatura portuguesa, com quase sessenta títulos publicados desde então, em áreas tão diversas como a ficção, biografia, ensaio, teatro, crónica, literatura de viagem e literatura infantil. *A Sibila*, o seu quarto romance (1953) é a obra que lhe granjeia a notoriedade e o reconhecimento como escritora de pleno direito e figura incontornável do plano literário português.

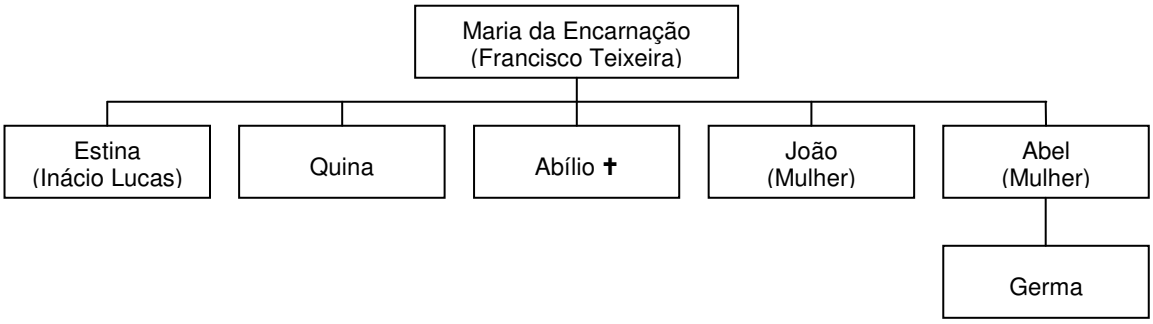
Observação

Em *A Sibila* Agustina Bessa-Luís conta a história de uma família portuguesa de origem rural através de três gerações da sua linhagem feminina. É um romance centrado em três mulheres: Maria, a matriarca da família Teixeira, Quina, filha de Maria e figura central da trama, e Germa, sobrinha e herdeira de Quina. A narrativa acompanha o papel determinante destas mulheres na vida da família e na reconstrução e crescimento da Casa da Vessada, a propriedade familiar cuja história se confunde com a das personagens.

O título da obra remete para a figura profética clássica do oráculo de Delfos – a Sibila – e refere-se a Quina, a personagem principal da obra. Para narrar a vida de Joaquina Teixeira a autora conta a história da sua família, da sua origem e da sua herança. A sua mãe, Maria da Encarnação, casa com Francisco Teixeira, homem mais velho que ela e dono da Casa da Vessada, uma propriedade rural que provém o sustento da família. Francisco é uma figura simpática mas ausente, mulherengo e boémio, interessa-se pouco pela administração da propriedade e pelos assuntos familiares. Ama Maria mas revela-se um marido infiel e boémio, que desbarata o património e se afunda em dívidas, levando-a a tomar para si a gestão dos negócios da família.

Maria e Francisco têm oito filhos, três primeiros que não sobrevivem, Justina (ou Estina), Quina, Abílio (que morre de doença bastante novo), João e Abel, pai de Germana (ou Germa). Germa é a única herdeira da família, uma vez que os filhos de Estina não sobrevivem e mais nenhum dos filhos de Maria e Francisco produziu descendência. É Maria que, como matriarca do clã, mantém a identidade e coesão familiares, e dá origem à linha feminina da família da Casa da Vessada.

Os membros da família Teixeira podem ser situados na árvore genealógica abaixo:



De todos os seus filhos Justina, ou Estina, é a preferida por Maria, e Quina a que menos angaria o seu afecto, o que lhe granjeia a protecção do pai, que idolatra. Quando a situação financeira da família se torna difícil Estina perde um pretendente e acaba por fazer um casamento por conveniência com Inácio Lucas, um proprietário local. Tem uma filha, que apresenta problemas mentais e morre em circunstâncias trágicas.

Joaquina, ou Quina, é a segunda filha de Maria e Francisco. Maria incute-lhe desde cedo o gosto e a responsabilidade pelos trabalhos da quinta. Com o casamento de Estina, e

uma vez que os irmãos seguem o exemplo paterno no que respeita à administração da Casa da Vessada, torna-se na herdeira natural de Maria à frente da família e dos negócios, aumentando o património e tornando-se uma figura importante na região, respeitada pelos homens proprietários e pelos membros das famílias de classes sociais superiores. Uma mancha de nascença, a sobrevivência a uma doença não identificada quando tem cerca de quinze anos de idade e o manter-se solteira conferem-lhe uma aura mística. Quina assume, para os que a rodeiam, um papel de oráculo (ou sibila), graças ao seu conhecimento da natureza humana, que suporta e amplifica a sua importância e mistério.

Os filhos homens seguem os passos do pai no que toca ao estilo de vida e ao trabalho na herdade, e abandonam todos a Casa da Vessada: Abílio procura fortuna no Brasil de onde regressa doente e acaba por falecer, João faz um casamento que desagrada à mãe e vai viver para a cidade, seguido por Abel que, após viajar pelo mundo procurando fortuna, também se fixa na urbe. Ao contrário de João é um homem ambicioso. Viaja pelo mundo em busca de fortuna e acaba por se fixar na cidade, mas sem jamais esquecer o património da Casa da Vessada e a sua parte na herança. Tem a particularidade de, devido a um erro administrativo, ser registado com o apelido materno, e é também o pai de Germana, ou Germa, a única descendente da família Teixeira. Com o afastamento dos homens dos assuntos da terra Maria e Quina dedicam as suas vidas à reconstrução e desenvolvimento da Casa da Vessada, tomando para si a liderança da família e a recuperação do seu património.

Não existe nenhuma indicação de ligação de Quina ao sobrenatural, mas sim o conhecimento da natureza humana que aprofunda ao longo da sua vida e a capacidade de influenciar os outros, de que se apercebe na sua convalescença. Esta é para ela uma descoberta de enorme importância, a sua arma de pitonisa, e que pratica activamente ao longo da sua vida. É sob a sua administração que a Casa da Vessada atinge a sua máxima abastança, o que lhe confere o respeito dos seus pares e o acesso às casas mais importantes da região. Quina torna-se uma autoridade de negócios entre os homens e de assuntos do coração entre as mulheres, e ambos a procuram e aos seus conselhos. Uma destas mulheres é Elisa Aida, a Condessa de Monteros, que a apelida com o epíteto que dá título à obra – Sibila.

Quina não se casa e não tem filhos seus. Após a morte de Maria adopta Custódio, filho de um empregado de Elisa Aida e de uma prostituta. O seu nome de registo é Emílio,

mas não é baptizado, pelo que todos o conhecem apenas pela alcunha de Custódio, nome reservado às crianças antes de receberem o sacramento do baptismo. Cresce sob a protecção de Quina, que canaliza para ele os instintos maternais que não tem oportunidade de oferecer a uma família própria.

Quina mima demasiado Custódio, que cresce indolente e rodeando-se de más companhias. Ao chegar à idade adulta ambiciona tornar-se seu herdeiro, mas Quina revê nele os traços de fraqueza de carácter de seu pai e irmão e é excluído da herança, acabando por se suicidar. Quina determina como sua herdeira Germa, filha de seu irmão Abel e única descendente viva da família Teixeira. É a partir das reflexões de Germa que a história de Quina é contada.

O espaço mais importante é indubitavelmente a Casa da Vessada. A existência desta casa está indelevelmente ligada às personagens que a habitam e a sua evolução é paralela à da família Teixeira. É sob a égide de Maria que a casa é reconstruída após o incêndio, com Quina a propriedade prospera e adquire uma áurea mística que acompanha a da sibila e com a sua morte fica votada ao esquecimento. Com Germa o futuro da Casa da Vessada fica em aberto. Dentro da casa existem espaços cuja existência na narrativa é tanto física como psicológica. A cozinha é o espaço por excelência da transmissão, da memória e da experiência. A sala é o espaço da reflexão para as três heroínas da história, sentadas na mesma “rocking-chair”. O quarto é o espaço mais dramático, no qual Quina termina a sua vida reflectindo sobre a sua vida e a sua história e onde decide o destino da sua herança.

Em *A Sibila* a narrativa não adere ao tempo cronológico, mas sim ao da memória do narrador, que se apresenta como omnisciente. A obra começa e acaba com a mesma cena, numa dinâmica circular, na qual Germa reflecte sobre a vida e personalidade de Quina, e é sobre este momento que a narrativa se desenrola. De certa forma podemos afirmar que o tempo desta obra é psicológico pois é o desenrolar na memória narrativa, principalmente através da vivência interior das personagens, que confere ao texto o seu fio condutor.

Os Arquétipos e a *A Sibila*

Uma das primeiras evidências que tomam forma na leitura de *A Sibila* é a dinâmica de oposição entre masculino e feminino presente em toda a obra. As personagens são definidas por esta contraposição cujo principal objectivo é o reforço de características de perseverança, constância e unidade das personagens femininas, e é sobre elas que a autora centraliza o enredo.

As principais personagens masculinas, Francisco e os filhos Abílio, João e Abel partilham todos as mesmas características psicológicas, "todos eles eram muito do pai; volúveis, fracos com aduladores e com mulheres, moralmente a tender para a cobardia das responsabilidades, muitos jogos de argúcia para sofismar a fé que se quer atraiçoar" (Bessa-Luís, 1995, p. 33), e em todos é evidente o afastamento em relação à Casa da Vessada, cerne da vida familiar. Para Francisco a casa significa "um poiso cujo encanto resultava sobretudo de manter a toda hora as portas franqueadas sobre o mundo" (Ibid., pp. 20-21) e com frequência "ficava ausente largos dias e onde o pulso dele parecia indeciso e sem vontade" (Ibid., p. 34). Todos os filhos constroem vidas fora da Vessada e enquanto residem na propriedade demonstram "um gosto de mandria, de frívolos costumes, de prazeres. Deixavam às mulheres os cuidados das lavouras, torrando na canícula da sacha ou negociando madeira entre brindes de vinho verde. (Ibid., p. 52).

As personagens femininas são exploradas de forma muito mais extensa. As três personagens principais encarnam diferentes gerações mas têm em comum uma ligação estreita ao património familiar, tanto material como da memória. Maria estabelece-se como a matriarca da família, perpetuando a vida e memória familiares. Chega à Casa da Vessada sozinha, pois Francisco deixa-a em casa dos pais depois do casamento e quando, pouco tempo depois, o incêndio praticamente destrói a casa é ela, que estando sozinha em casa, chefia o esforço do combate ao fogo. Maria é descrita como uma mulher forte, que pertence "a essa casta rara e invencível dos que, a par da mais crua teoria do pessimismo, se mantêm fiéis à esperança, e que mesmo na morte não sucumbem" (Ibid., p. 19), e é ela que lidera a reconstrução da casa. O incêndio marca o início da linhagem feminina de Maria e é pela sua mão que renasce a Casa da Vessada.

Com o casamento de Estina e a morte de Francisco Quina mantém-se ao lado da mãe e vai tomando progressivamente a liderança da família. Desde tenra idade que Maria

lhe atribui responsabilidades no trabalho doméstico e do campo exigindo-a "activa e responsável" (Ibid., p. 22), o que leva Quina a adquirir "uma consciência de adulto, um orgulho de capacidade que seria o remorso de Maria, se esta tivesse ócios disponíveis para tais subtilezas" (Id., Ibid.). Quina não se casa nem tem filhos, dedicando-se "a evoluir, a subir, a desenvolver tentáculos de intrigas que favorecessem a sua decisão, que era de enriquecer e, mais ainda, ser notável. Obcecou-se no fito de engrandecer os seus bens e o seu prestígio" (Ibid., p. 59). Existe uma estreita ligação de Quina à casa onde nasce, vive e morre, mas esta representa sempre a memória e a perpetuidade familiares, e apesar de ter um afilhado próximo, Custódio, é a sobrinha, Germa, que Quina designa como herdeira.

Abel, último filho de Maria e Francisco, é por lapso registado com o apelido materno, e é ele que garantirá a continuidade da família através da sua filha, Germa. Assim se é garantida a continuidade da linha familiar de Maria, pela perpetuação do seu nome pela neta. Como mulher, Germa é a herdeira natural de Quina na tarefa de preservar o património familiar de que a Casa da Vessada é o símbolo máximo, corroborando a tese desenvolvida ao longo do romance que confere às mulheres o papel de guardiãs da memória, num ciclo que começa com Maria, continua com Quina e é depositado em Germa:

> "Um de seus prazeres consistia em analisar-se como o conteúdo de todo um passado, elemento onde reviviam as cavalgadas das gerações, onde a contradança das afinidades vibrava uma vez mais, aptidões, gostos, formas que, como um recado, se transmitem, se perdem, se desencontram, surgem de novo, idênticos à versão de outrora." (Ibid., p.8).

Na obra a memória é pertença das mulheres, e é a elas que cabe a sua preservação e transmissão. É também a partir das memórias e reflexões de Germa que a história é contada:

> "Ela balançava-se muito numa velha *rocking-chair* (…) Tal como Quina. Germa estava nesse momento totalmente desligada e ausente de si, e que subitamente o ambiente ficara repleto doutra presença viva, intensa, familiar, e que aquela sala, de tecto baixo, onde pairava um cheiro de pragana e de maçã, se enchia duma expressão humana e calorosa, como quando alguém regressa e pousa o olhar nos antigos lugares onde viveu, e o seu coração derrama à sua volta uma vigilante evocação. E, bruscamente, Germa começou a falar de Quina." (Id., Ibid.).

Um dos arquétipos do inconsciente colectivo descritos por Jung é o representado pelos conceitos de *Anima*, ou alma, e *Animus*, ou espírito. Estes representam a essência de vida que anima o ser humano e apresentam-se como os opostos feminino e masculino expressos na dualidade da representação física. Uma das imagens que melhor os ilustra é a

do conceito oriental de *Yin* e *Yang*. Estes são os arquétipos que personificam a vida interior, o pensamento, a vontade, a memória, a imaginação e o poder criativo (Jung, 1984).

Roudinesco e Plon (2000) derivam a noção de arquétipo da noção de imago, que definem como "uma representação inconsciente através da qual um sujeito designa a imagem que formou dos próprios pais" (p. 377). Assim, a *Anima* é indissociável da figura materna, como o *Animus* o é da figura paterna, pelo que *Anima* e *Animus* têm papéis diferentes para homens e mulheres, e influenciam a relação com o sexo oposto.

Pode considerar-se que a oposição de género que está na origem da definição das personagens da obra se enquadra nesta dinâmica arquetípica. A *Anima* está associada ao feminino e à imagem arquetípica da Mãe, que corresponde à vivência psíquica da evidência física da origem de todos os seres humanos: todos nascemos de uma mãe. Esta é uma imagem extremamente rica nas formas que assume, que vão desde a associação a elementos maternos, de fertilidade e fecundidade, cujos conceitos mais emblemáticos são a "grande mãe" primitiva e a "mãe terra" ou "mãe natureza" das culturas pagãs, até a figuras como Deméter ou Ceres, Ísis e Maria (Jung, 1984).

Maria e Quina garantem a transmissão da história da família à neta, e a lareira é o local por excelência dessa transmissão oral:

> "Nada mais grato a Germa do que ouvi-las, apanhá-las sentadas, entregues a um fazer doméstico mais repousado, e sempre dispostas ao comentário gracioso, a história sem rebuços, a crítica humorística e cheia de fel, o facto que se transmite dum antepassado, e aquele intricado joguetear com famílias, destinos, gerações que se entrecruzam, se perdem e ressurgem como essas raízes (...) Toda a freguesia, com suas casas, seus campos e suas gentes, e as origens deles, e também todos os seus pensamentos e movimentos todos, passavam naquela lareira. (...) Nestes momentos, Germa cravava nas duas os olhos atemorizados e duvidosos; era como se o espaço extensíssimo duma época que não vivera se lhe colocasse diante sem que ela deixasse de sentir-se expulsa, mais do que distante, desse tempo morto, porém inesgotável." (Bessa-Luís, 1995, p. 104)

As mulheres da Vessada são as guardiãs da memória e dos símbolos, preservando a identidade e o conhecimento, e dessa forma a vida, tanto física, através da sucessão familiar, como psicológica, através da transmissão do vivido, e por isso encarnam a *Anima* jungiana. Ao contrário dos homens, cujas características psicológicas os misturam e confundem, as mulheres em *A Sibila* são distintas umas das outras. O que as une é missão que lhes foi entregue pela autora, a ligação à casa como bastião da memória, e a transmissão e preservação do conhecimento. Esta ligação é feita não só pela sucessão

familiar e pelo parentesco, mas também pela permanência e transmissão de objectos como o cinto de cetim preto usado por Maria que "ficou de moda para todas as mulheres da família" (Ibid., p. 10), ou a "rocking-chair" na qual Germa recorda Quina.

O *Animus*, por sua vez, está associado ao masculino, e no processo de individuação personifica o inconsciente. A imagem arquetípica descrita por Jung para este arquétipo não é a de "Pai", por contrapartida directa à "Mãe", mas sim a de "Velho Sábio", expresso através de figuras sábias e solícitas de autoridade moral e espiritual, como por exemplo médico, padre, professor, entre muitas outras (Jung, 1984).

Em *A Sibila* o *Animus* não é personificado pelos homens, cujas características os impedem de assumir esse papel, mas sim por Quina. Para além do cumprimento do seu papel como mulher na preservação da memória familiar, Quina incorpora um conjunto de características a atitudes masculinas, que faltam ao seu pai e irmãos:

> "Era agora o génio buliçoso (…) que incomodavam Maria. (…) Porém, mesmo dos três rapazes que lhe nasceram, nenhum trouxera aquela marca de máscula altivez, aquela consciência para ser livre juiz, sacrificar-se pelas coisas que exigem justiça, a ponto de, para a cumprir, ser necessário deixar coração e vida, paixões que sangram, interesses que devoram, pelo caminho." (Bessa-Luís, 1995, p. 33)

Esta virilidade associada à aura de misticismo que cultiva, e que a torna reconhecida como Sibila, aproximam-na da imagem arquetípica do "velho sábio". Quina recupera de uma doença na adolescência e durante a convalescença apercebe-se do ascendente que adquiriu sobre os outros e dedica-se a desenvolvê-lo, reagindo "da única forma que seria de esperar - a sua típica reacção de 'pega ou larga', a conquista da ocasião, usando para isso de todos os seus talentos de convicção e até charlatanismo"(Ibid., p. 45).

Quina assume, para os que a rodeiam, um papel de oráculo (ou sibila), graças ao seu conhecimento da natureza humana, que suporta e amplifica a sua importância e mistério. O seu sucesso à frente dos negócios torna-a uma figura importante na região, respeitada pelos homens proprietários e pelos membros das famílias de classes sociais superiores, que procuram o seu conselho; entre as mulheres faz sucesso como pitonisa, tornando-se "indispensável para presidir obscuramente nesse mundo secreto, íntimo, sem artifício" (Ibid., p. 63). Desta forma, Quina constitui-se como uma figura de tanto entre homens como mulheres, dando forma simultaneamente a características tanto da figura da *Anima* como do *Animus*

Outro arquétipo do inconsciente colectivo jungiano patente na obra é o que se refere ao *Self*. Para Jung o arquétipo de *Self* simboliza a totalidade da personalidade, um centro entre a consciência e inconsciência. Representa o esforço de unidade e integração entre as diversas instâncias opostas que compõem a psique.

O Self pode tomar como símbolo qualquer elemento que o Ego entenda ser superior a si mesmo, mas a imagem mais comum é a "mandala", palavra sânscrita para círculo. O círculo representa a perfeição e a unidade, que são o objectivo último do processo de individuação (1984). Em *A Sibila* a presença deste arquétipo não está apenas dentro da história mas sim na dinâmica circular da narrativa.

É através de Germa, herdeira da propriedade e da memória familiar, que o narrador abre e fecha a história. A obra começa e termina com a mesma cena - Germa sentada na "rocking-chair" que já havia embalado as suas antecessoras, procurando recordar e reconstruir a história dessas mulheres, e com elas a sua própria história:

> "Eis Germa, que, embalando-se na velha rocking-chair, pensa e pressente, sabendo-se actual relicário desse terrível, extenuante legado de aspiração humana. Nas suas veias, estão todos os infinitos estados do passado, no seu cérebro condensaram-se muitas e muitas experiências que não viveu, as negações e afirmações ocupam vastos espaços da sua alma. (Ibid., p. 251)

É na circularidade da narrativa que encontramos a evidência deste arquétipo. A natureza do arquétipo do *Self* é incompreensível para o Ego pois transcende a personalidade, da qual este é apenas uma parte (Jung, 1984). A narrativa circular transcende a história, mas ao fechar o círculo confere-lhe sentido e abre caminho para o futuro, individualizando Germa, mais do que apenas como veículo da memória, como possível precursora de uma nova história: "Eis Germa, eis a sua vez agora e o tempo de traduzir a voz da sua sibila" (Id., Ibid.).

Considerações Finais

Para Carl Jung entre a arte e a psicologia existe uma ligação muito próxima e "essa relação baseia-se no fato de a arte, em sua manifestação, ser uma actividade psicológica e (…) como toda a actividade humana oriunda de causas psicológicas, é objeto da psicologia"

(1985, p.54). Neste âmbito "é certo e até mesmo evidente que a psicologia, ciência dos processos anímicos, pode relacionar-se com o campo da literatura" (Ibid., p.74).

Segundo Jung "estudar as circunstâncias psicológicas do homem criador equivale a estudar o próprio aparelho psíquico" (Ibid., p.75). No processo criativo o autor "aparentemente consciente e em pleno gozo de sua liberdade que produz por si mesmo e cria" (Ibid., p.63), e a obra é o produto consciente e tangível desse trabalho. Para Jung o processo criativo não é diferente dos outros trabalhos de elaboração psíquica na medida em que para ele contribuem as instâncias psíquicas de que já falámos, e a "pesquisa sobre o inconsciente revelou possibilidades de como o consciente não só pode ser influenciado pelo inconsciente, mas até dirigido por ele" (Id., Ibid.).

Jung descreve o papel do inconsciente colectivo neste processo da seguinte forma:

> "O processo criativo consiste (até onde nos é dado segui-lo) numa ativação inconsciente do arquétipo e numa elaboração e formalização na obra acabada. De certo modo a formação da imagem primordial é uma transcrição para a linguagem do presente pelo artista, dando novamente a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado." (Ibid., p.71)

No que respeita à literatura, no outro lado do processo criativo, está o leitor. Para que este ciclo de comunicação seja cumprido, para que a dialéctica entre autor e leitor exista, é necessária a existência de um referencial subjectivo comum que nos é, em parte, fornecido pelo inconsciente colectivo, na medida em que existem elementos simbólicos "cuja origem não deve ser procurada no inconsciente pessoal do autor, mas naquela esfera da mitologia inconsciente, cujas imagens primitivas pertencem ao património comum da humanidade" (Ibid., p.68). Para a compreensão desses elementos o leitor socorre-se desse mesmo substrato psíquico sobrepessoal.

A leitura que levámos a cabo de *A Sibila* não foi excepção. O referencial arquetípico constituiu uma importante ferramenta na compreensão da obra, principalmente no que respeita à estrutura narrativa e à construção das personagens e das suas dinâmicas intra-psicológicas. A partir daqui podemos formular diversas questões, nomeadamente sobre a transversalidade dos arquétipos encontrados na obra da autora, ou seja, sobre se noutros produtos literários de Agustina Bessa-Luís é evidente a presença das mesmas imagens arquetípicas, e se são tratadas da mesma forma. O inconsciente colectivo e os seus

arquétipos apresentam-se assim como um instrumento potencial para a compreensão, não só de um produto em particular, mas da obra de um autor na sua totalidade.

A elaboração deste trabalho deparou-se com dois grandes obstáculos. O primeiro prende-se com um certo esquecimento a que o trabalho de Carl Jung parece estar votado. Foi sentida uma grande dificuldade em reunir os textos do autor mais relevantes para o estudo, e os que foram encontrados e utilizados são de uma forma geral antigos e desactualizados. Não só grande parte das traduções das obras originais está feita apenas para Português do Brasil ou Castelhano, como são trabalhos de tradução que têm entre vinte e cinco e quarenta anos, factores que dificultaram significativamente a sua leitura.

O segundo obstáculo prende-se com a ausência de trabalhos recentes sobre a psicologia jungiana, e principalmente, sobre as temáticas que procurámos abordar, nomeadamente a importância do inconsciente colectivo na análise psicológica literária. As poucas referências encontradas vieram do continente americano, E.U.A. e Brasil, através da *internet*, e apenas se encontrou um estudo cujo âmbito se aproxima dos objectivos propostos para o presente trabalho.

No que respeita à relação entre literatura e psicologia acreditamos que Carl Gustav Jung é um autor que importa revisitar e recuperar. O sistema psíquico jungiano permite-nos uma compreensão dinâmica da relação entre as várias instâncias psíquicas e do seu papel na concretização da humanidade enquanto referencial que, para além de biológico, histórico e cultural, é também psíquico.

Consideramos que esta é a maior realização deste trabalho: a descoberta de um autor que nos oferece uma possibilidade de entendimento do fenómeno psíquico que transcende o indivíduo, alargando assim os horizontes da compreensão do que é ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGÁFICAS

Bessa-Luís, A. (1995). *A Sibila*. Lisboa : Guimarães Editores (18ª ed.)

Despinoy, M. (1997). Remarques sur les orientations de "Literature and Psychology". *Gradiva: Revue Européenne d'Anthropologie Littéraire*, 1(3), 3-27.

Jauregui, I. (2002). Psychology and literature: The question of reading otherwise. *International Journal of Psycho-Analysis*, 83(5), 1169-1180.

Jung, Carl G. (1967). *Acerca da psicologia do inconsciente*. Lisboa: Edições Delfos (Tradução da 5ª edição do original em Alemão Über die psychologie des unbewussten. Zurique: Rascher & Cie AG, 1942)

Jung, Carl G. (1983). *Fundamentos de psicologia analítica* (2ª ed.). Petrópolis:Vozes (Tradução do original em Alemão Über grundlagen der analytischen psychologie. Olten: Walter Verlag AG, s.d.).

Jung, Carl G. (1984). *Arquetipos e inconsciente colectivo*. Barcelona: Ediciones Paidos (2ª ed.)
(Tradução do original em Alemão *V*on den wurzeln des bewusstseins. Olten: Walter Verlag AG, s.d.).

Jung, Carl G. (1985). *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes
(Tradução do original em Alemão Über das phänomen des geistes in kunst und wissenschaft. Olten: Walter Verlag AG, 1971).

Laplanche J. & Pontalis J. B. (1985). *Vocabulário de Psicanálise* (6ª ed.). Lisboa: Moraes Editora.

Roudinesco, E. & Plon M. (2000). *Dicionário de Psicanálise*. Mem Martins: Editorial Inquérito (Tradução do original em Francês Dictionnaire de la Psychanalyse. Editor Francisco Lyon de Castro, 1997).

Silva, T. (2004). *Literatura e Psicologia Analítica*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação.